

Brazil-Medico

S U M M A R I O

Necrotopia: — Prof. Dr. Nina Rodrigues.

Entomologia: — Uma nova espécie de anophelina brasileira (*Myzomyia tibia maculata*), pelo Dr. Arthur Neiva.

Pathologia Médica: — A propósito da classificação dos tipos febris, pelo Dr. François Denebourg.

Associações Científicas: — Academia Nacional de Medicina. — Posse de um novo acadêmico, pelos Drs. Azevedo Sodré, Fernando de Magalhães e Leônidas Rocha. Apparelho para anestesia cirúrgica, pelos Drs. Lima e Castro e Azevedo Sodré. Convocação do leito, pelos Drs. Fernandes Pigueira, Azevedo Sodré e Costa Pereira.

Imprensa Médica Estrangeira: — A propósito da tuberculose, pelos Drs. A. Rohr e M. Binet. Diagnóstico e tratamento da apendicite, pelo prof. Dieulafay e Drs. Murphy e Moosbrugger. Tratamento das queimaduras graves e extensas, pelo Dr. Le Jariel. Tratamento do lupus, por Lortet, por G. de R.

Bibliographia: — Academia Nacional de Medicina (Discursos pronunciados na sessão magna realizada em 30 de Junho), pelo Dr. A. Austrangisil. O Princípio distrital Sanitário, pelo Dr. Luís Barboza. Nuevos Estudios de la Medicina del sistema Nervioso, pelo Dr. José E. García Fraguas. Méthode de colorations des diverses granulations des éléments figures du sang, pelo Dr. Alphonse Huisman. Revista dos cursos da Faculdade de Medicina da Bahia. Catalogo ilustrado e descriptivo de instrumentos para massagem, pelo Dr. C. de R. Liga Brasileira contra a tuberculose (Relatório apresentado à Assembleia Geral pela Comissão Executiva sobre a gerência no ano 1903). Distribuição da vacina nos Estados da União durante o período de 1896 a 1903; pelo Instituto Vacinico do Distrito Federal. 4º. volume dos Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Congresso International da Tuberculose (Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negocios do Interior), pelo Dr. José Jerônimo de Azevedo Lima, — por J. P.

Correspondência: — Um caso de pneumonia massiva, pelo Dr. Henrique Autran. **Boletim Demográfico:** — Mortalidade da cidade do Rio de Janeiro, por B. G.

Chronica e Notícias.

ENTOMOLOGIA

Uma nova espécie de anophelina brasileira

PELO DR. ARTHUR NEIVA,

(Trabalho do Instituto de Manguinhos)

Myzomyia Tibiamaculata

Proboscida. — Do tamanho do abdome, uniformemente escura, exceptuando a ponta, que é amarellada; coberta, principalmente na base, de escamas lanceoladas, longas, recurvadas e escuras, possuindo também cerdas escuras em toda a extensão da proboscida; sómente na parte de cér mais clara não se encontram escamas, porém cerdas em pequeno número e de cér mais clara.

Palpos. — Do tamanho da tromba, pretos, menos nas extremidades livres, que são de cér branca; densamente cobertos de escamas pretas, longas e curvas, principalmente no primeiro articulo; o ultimo, porém, é branco, possue escamas da mesma cér. Existem cerdas longas, pretas, não muito abundantes, a não ser no ultimo articulo, no qual, além de serem abundantes, são de cér amarella.

Antennas. — Mais ou menos do mesmo comprimento dos palpos, muito pilosas, de cér clara, de pellos cinzentos e brilhantes, com verticilos mais escuros.

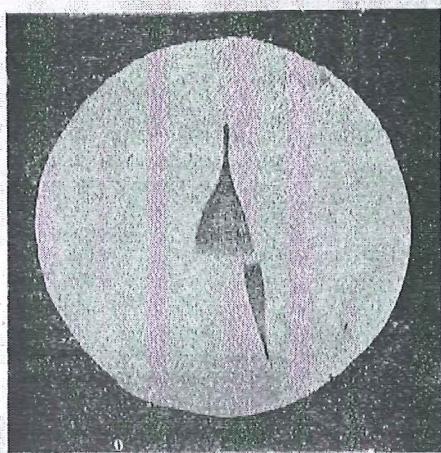
Toros. — Globuloso, alaranjado; o segundo articulo apresenta-se entumescido em relação aos demais, principalmente aos dous últimos, que são os maiores e os mais delgados; encontram-se escamas brancas, alongadas no lado interno do segundo e terceiro articulos.

Glypheus. — Quasi escuro, glabro.

Vertex. — Com escamas brancas pequenas e recurvadas, além de outras muito longas e curvas formando tufo em anteversão.

Occiput. — A parte anterior é coberta por muitas escamas brancas, alongadas e encurvadas. A parte posterior é revestida de escamas grandes, negras, ac-

cumuladas mui densamente; existem cerdas longas e escuras. As escamas brancas, como as pretas, são de duas formas, uma mais larga e menor, outra maior e mais estreita.



Escama do occiput

Lobos prothoráxicos. — Muito salientes, revestidos de escamas amarellas e pretas, estas em muito maior numero, obovaes, algumas bifurcadas, sendo geralmente de diversos comprimentos; existem ainda cerdas longas, amarellas e pretas.

Mesonoto. — Cinzento no meio e escuro nos lados. É percorrido longitudinalmente por tres linhas de cér castanho escuro. Existem muitos pellos amarellados na zona acinzentada. As duas faixas pretas dos lados possuem numerosas cerdas pretas. Na parte médiana e anterior existe um tufo de escamas longas, estreitas, curvas e brancas, repartidas para os lados.

Escutello. — Saliente, sem formar lobos, cinzento, com tres manchas pretas, sendo a maior a do meio, a qual é apenas a terminação da linha longitudinal e médiana do mesonoto. Existem implantadas muitas cerdas, de 15 a 20, pelo menos, em todo o scutellum.

Melanoto. — Escuro e glabro.

Pleuras. — Castanho-claras, glabras.

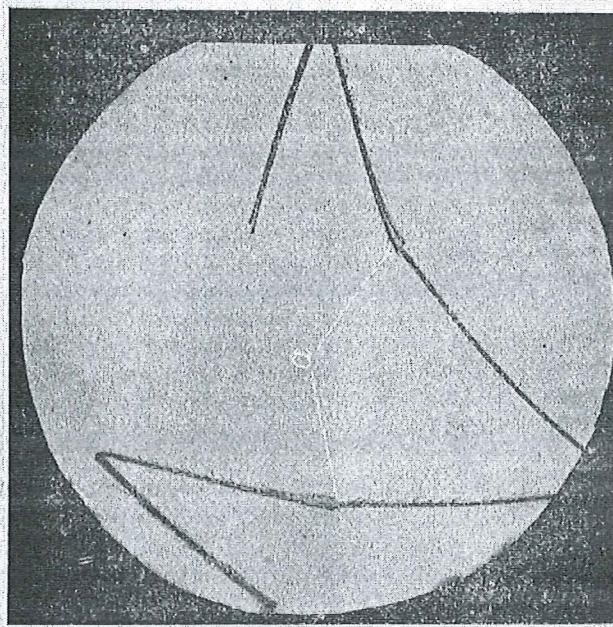
Coxas. — Amarelladas; possuem cerdas longas, amarelladas.

Balancins. — Com pedunculo amarelo e capitulo escuro densamente coberto por escamas pretas.

Abdome. — De cér escura carregada, coberto de pellos amarellados; sendo geralmente na base dos segmentos a tonalidade mais clara. Na parte ventral é amarella nas bases dos primeiros segmentos.

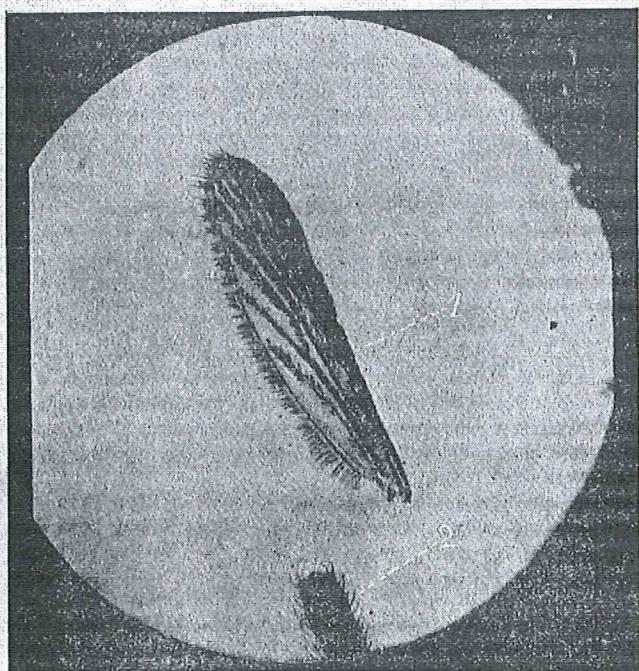
Pernas. — Throchanteres amarellados nos tres pares, com numerosos pellos amarellados, longos, voltados para baixo. Primeiro par de femures castanhos escuros, amarellados na base; na parte externa do apice existem algumas escamas ericadas, longas e escuras, formando um pequeno tufo; tibias um pouco mais claras que os femures; são amarelladas nas extremidades e um pouco entumescidas na parte apical, que tem escamas e pellos amarellados; os metatarsos e os tarsos são da mesma cér. Segundo par de femures da mesma cér que os do primeiro par, com extremidades amarelladas, em maior extensão que na

base; no apice existem algumas escamas amarellas. Tibias, metatarsos e tarsos da mesma cor dos femures. As tibias possuem, porém, extremidades amarelladas.



3º par. a) Manchas brancas das tibias

Terceiro par de fermures com a mesma cor dos outros, com extremidades amarelladas, principalmente na parte inferior e basal. Tibias com a mesma cor; a extremidade basal é amarella; a extremidade apical, n'uma grande extensão, equivalente a $\frac{1}{3}$, das tibias, apresenta uma mancha branca, muito característica; sómente na parte anterior há uma estria da coloração geral. Os metatarsos e tarsos da mesma cor que os outros.



1º Aza. 2º Último segmento abdominal

Azas. — Manchadas de amarelo na costa e com

manchas da mesma cor espalhadas pela aza. As manchas da costa são em numero de tres, duas maiores ou menores do mesmo tamanho e menores, situadas mais para a base do que a ultima, que está localizada na parte apical. Todas atingem à primeira nervura longitudinal. Na base da primeira nervura longitudinal há escamas amarellas n'uma extensão não pequena; há ainda na mesma nervura escamas da mesma cor entre a primeira e segunda manchas costeas; existe outra mancha da mesma cor, porém mais clara, no ramo posterior da segunda nervura; na base da terceira nervura, no ramo anterior da quarta, no apice do ramo posterior da quinta, na base da quinta nervura, no ramo anterior desta e na base da sexta nervura existem escamas amarellas, que mancham a aza. Na franja as manchas estão situadas entre as extremidades dos ramos da segunda nervura e na terminação dos ramos da quarta e da quinta. A nervura transversal média fica mais distante da base da aza do que a supra-numeraria e a posterior. A primeira cellula sub-marginal é maior e mais estreita do que a segunda cellula posterior; esta possue um peridunculo quasi igual a quatro vezes o seu comprimento.

Comprimento. — 5,5 mm com a proboscida, que mede 2 mm.

Habitat. — Oliveita. Estado de Minas Geraes.

E' pôda da captura. — Maio.

Esta espécie foi capturada pelo Dr. CARLOS CHAGAS, que, a tendo reconhecido como nova, enviou para o Instituto de Manguinhos, onde foi estudada e descripta.

Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1906.

PATHOLOGIA MEDICA

A propósito da classificação dos tipos febris

PELO DR. FRANÇOIS DALENCOUR

A determinação exacta e precisa dos diferentes tipos febris é de grande importância na pyretologia de todas as zonas, temperadas ou tropicaes; é de necessidade fundamental, absolutamente indispensável, sobretudo no estudo das pyrexias tropicaes.

A evolução dos tipos febris determina-se exactamente com o auxilio das curvas thermometricas, que são testemunhas fieis de todas as variações da hyperthermia. E, para construir essas curvas, dar-lhes um valor scientifico indiscutivel, é mistér que se tome a temperatura dos doentes pelo menos de 3 em 3 horas.

Tratando-se mesmo de uma febre continua, não se deve contentar com o registro das temperaturas matutina e vesperal, nem tão pouco com a temperatura tomada de 3 em 3 horas, porque durante esse intervallo ella pode baixar sem que o doente perceba. Nestas condições, o medico tambem pode iludir-se. Eis porque as observações de LAYERAN, ácerca da pretensa «continua palustre» estão eivadas de erros e podem ser consideradas como nullas. Com efeito, esse autor contenta-se com duas observações diárias para as febres continuas, ao passo que, tratando da febre intermitente, outro é o seu modo de proceder. «Nas febres intermitentes, diz elle, é necessário tomar frequentemente a temperatura dos doentes; si